



EMPREGO

Há cinco anos "era impensável" uma empresa operar a partir de um espaço de *coworking*, diz o diretor do Avila Spaces

FOTO MÁRIO JOÃO



Flexibilidade Adaptação de custos e horários são vantagens. Criação de rede de contactos é outra

'Cotrabalha-se' cada vez mais em Portugal

RUTE BARBEDO

Em 2013, Portugal era o 12º país com maior número de espaços partilhados de trabalho, numa lista de 80 países. Existiam 42 locais de *coworking*, de acordo com o Global Coworking Census, elaborado pela Deskwanted, empresa que se dedica a esta matéria. Em 2017, uma pesquisa através de motores de busca e bases de dados indica a existência de pelo menos 87 espaços deste género no país, sobretudo em Lisboa e no Porto, representando um crescimento de mais de 100%.

Estes dados não surpreendem os impulsores deste segmento, tendo em conta as alterações no mercado de trabalho, na direção da flexibilidade. Mas já não é só de trabalhadores independentes que vivem os chamados centros de *cowork*. São cada vez mais as empresas, sobretudo em fase de arranque, que preferem a informalidade de um local onde se criam relações improváveis e estabelecem sinergias com maior facilidade. Por outro lado, o espectro alargou-se para lá dos "profissionais criativos".

Em sete anos de atividade, poucas profissões não terão passado pelo CoWork Lisboa, no complexo Lx Factory, afirma o fundador, Fernando Mendes. Apesar da diversidade, "são sempre pessoas que vivem com pouco", analisa o designer e professor, arriscando que o padrão é outro

reflexo da conjuntura. "O mundo está a dizer-nos que vamos ter de viver com menos, porque não vai haver emprego para todos", reflete. Depois, há uma transformação na perceção do emprego. "Os miúdos que acabam os seus estudos e que não encontram colocação imediata no mercado de trabalho já não são desempregados, tornam-se *freelancers*" e, para quem se enquadra neste regime, "o negócio está dentro da sala". "É como num clima de bar, em que se baixam as luzes e põe-se a música mais alta. O meu trabalho

é esse: criar um ambiente para um trabalho flexível, veloz, criativo."

Mais estrangeiros

Por outro lado, devido à mobilidade, os ambientes de trabalho são cada vez mais multiculturais. Os 5% de estrangeiros que frequentavam o CoWork Lisboa em 2010 passaram, hoje, a ser mais de metade do grupo, sendo que grande parte não depende do mercado português. Lisboa tem-se afirmado não só como cidade-turismo, mas também como centro de trabalho, devido

a fatores como o custo médio de vida ou a segurança.

Distante da informalidade da Lx Factory, Renato Garcia organiza a agenda a partir de um computador portátil na Av. da República, no recém-criado Avila Spaces. Trabalhou nos últimos anos com o mercado imobiliário brasileiro e há seis meses decidiu experimentar Lisboa. "Somos três colaboradores e encontramos aqui algumas vezes por semana. É bem diferente do Brasil, em que somos dezenas num espaço corporativo", relata. Renato escolheu este modelo por ser "propício à imaginação, ao *networking* e ao crescimento do que um escritório de quatro paredes brancas". Além disso, a "outra solução" — trabalhar em casa — "promove a inércia", analisa Paulo Mesquita, junto à janela. Acresce que para alguém que fundou há pouco tempo uma empresa de consultoria e marketing na área do turismo, não ter de pagar pelo espaço de trabalho quando está ausente é um ponto a favor.

Entre a sala com 35 secretárias e o chamado *business lounge*, "um sofá também pode ser um posto de trabalho", refere o diretor do espaço, Carlos Gonçalves, que conhece o mercado dos escritórios desde 2010, mas entrou no "negócio da partilha" este ano, motivado pelo interesse crescente à sua volta. Os preços de arrendamento variam entre €35 e €250 mensais, com a possibilidade de aceder a um serviço de atendimento centralizado de chamadas e de gerir a atividade do escritório pelo telemóvel, porque este é o tempo em que "as pessoas descobriram que o *coworking* pode ser um modelo inteligente para uma empresa", acredita o gestor.



Advogados e artesãos trabalham no CoWork Lisboa FOTO FERNANDO MENDES

Da política à arquitetura, de Macron a Frank Gehry

Em todo o mundo, calculase que haja 13.800 espaços partilhados de trabalho. Alemanha e Espanha lideram na Europa

Se em Portugal a inauguração de um dos maiores espaços partilhados de trabalho, a Second Home, em Lisboa, contou com a presença do primeiro-ministro, António Costa, e do então secretário de Estado da Indústria, João Vasconcelos, também lá fora as aparições políticas se multiplicam associadas às mudanças no mundo do trabalho. No final do mês passado, o Presidente francês, Emmanuel Macron, participou na abertura da Station F, uma incubadora que se intitula como "a maior do mundo", pronta a acolher 1000 *startups* e 3000 trabalhadores, em Paris; e, em abril, inaugurou-se o maior espaço de trabalho partilhado da capital francesa: 12 mil metros quadrados para 2400 pessoas, segundo noticiou o jornal "Le Monde", num artigo em que se refletia sobre "a morte do posto de trabalho fixo". Que não se confundam espaços de *coworking* com incubadoras, mas é certo que os dois formatos refletem as mudanças do mercado e estimulam a partilha entre diferentes sectores de atividade.

4 milhões de utilizadores em 2020

França não representa, no entanto, a vanguarda deste segmento. No "Global Coworking Census", publicado em 2013, os Estados Unidos lideravam a lista da profusão do *coworking*,

Na Califórnia, Frank Gehry está a desenhar um escritório partilhado de 7400 metros quadrados com o objetivo de "criar um ambiente que confira energia"

com 781 espaços. Mas este não é apenas um movimento de números. Na Califórnia, o arquiteto Frank Gehry, que assinou a sede do Facebook, na qual trabalhou mais de 2800 pessoas, volta a deixar a sua marca no contexto dos espaços laborais. Está a desenhar um escritório partilhado de 7400 metros quadrados com o objetivo de "criar um ambiente que confira energia", como declarou ao "Los Angeles Times". O armazém abre-se para 1500 metros quadrados de pátios exteriores, permitindo o encontro de quem trabalha em pontas distintas do edifício.

A Small Business Labs, que monumentaliza tendências no segmento do *coworking*, estima que, entre 2016 e 2020, o número de utilizadores deste tipo de espaços passe de um milhão para quatro milhões em todo o mundo. E a revista "DeskMag" contabilizou um total de 13.800 espaços partilhados de trabalho, prevendo o crescimento contínuo da atividade nos próximos anos. R.B.